

# CARTA PASTORAL NA ABERTURA DO ANO JUDICIÁRIO DE 2007

*Dom Eurico dos Santos Veloso*  
*Por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica*  
*Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora*  
*e Moderador do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano.*

A TODOS BÊNÇÃO E PAZ DO SENHOR, O MISERICORDIOSO!

*“Maior Est Deus Corde Nostro”*

(Cf. 1Jo 3,20)

## INTRODUÇÃO

1. Deus é maior do que o nosso coração. Ao abrir o Ano Judiciário de 2007, quero dirigir-me aos Exmos. Senhores Bispos que compõem esta Província Eclesiástica, meus caros irmãos no Episcopado, ao Meritíssimo Senhor Vigário Judicial, ao Meritíssimo Senhor Vigário Judicial Adjunto, e aos Senhores Oficiais do Egrégio Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Juiz de Fora, ao clero da Província Eclesiástica e a todos os fiéis que compõem a querida Igreja que peregrina em Juiz de Fora, Leopoldina e São João Del-Rey, através desta Carta Pastoral.

2. Nossa fé profunda na grandiosidade incomensurável de Deus nos outorga, neste início de 2007, a esperança concreta para caminharmos confiantes. De fato, como nos diz João em sua primeira carta, *“embora nosso coração nos acuse, Deus é maior é do que nosso coração e sabe tudo”* (Cf. 3, 20). Podemos confiar em Deus. É neste espírito, é com esta convicção profunda que iniciamos o Ano Judiciário de 2007.

3. Não seria uma contradição falar sobre o amor para um Tribunal Eclesiástico? Sabe-se que amor não é um conceito jurídico. Algo subjetivo, que se passa no foro interno de alguém, não pode ser a expressão de um objeto de julgamento. Mas, ao mesmo tempo, sabe-se também que o amor é o mais alto, o mais sublime ideal da moralidade. É o modo como a teologia moral se orienta, é o ortopraxia do Evangelho. Como a ordem jurídica e a ordem moral devem estar ao lado uma da outra, “a principiologia jurídica e as grandes jurisprudências possuem sempre um fundamento moral”, constata-se, portanto, que o amor pode e deve constituir o ponto de partida para os trabalhos de um Tribunal Eclesiástico. O Sumo Pontífice Bento XVI, de forma eminentemente consciente, dedicou a sua primeira Encíclica ao Deus que é amor: “DEUS CARITAS EST”. Aqui, seguimos as suas pegadas, dentro do estreito espírito de sua teologia, a saber eminentemente cristocêntrica.

## DEUS NOS AMA

4. O desabrochamento pleno do homem é o objetivo que Deus quis para a sua criação. Isto é o que nos ensina a fé no Deus uno e trino. É precisamente no mistério do amor infinito de Deus que se inicia a manifestação da resposta essencial para aquela questão antropológica fundamental: porque somos o que somos? Porque somos criaturas que podem conhecer, amar, e procriar? Somos o que somos, isto é, criaturas que podem conhecer, amar e procriar porque Deus é amor. O mistério de Deus não é um mistério de solidão, mas de comunhão, de criatividade; conhecer, amar, doar-se é a sua própria essência. Podemos, pois, dizer, porque Deus assim o é nós assim o somos. Existir para o outro, existir para o irmão, é pois poder participar do que Deus é, a saber, amor.

5. Em nossa vida cotidiana, às vezes agradável, às vezes trágica, onde precisamos pensar em mil coisas que demandam a nossa atenção, eis a luz que Deus nos concede para iluminá-la em qualquer momento, na hora maravilhosa e na hora terrível: o amor. Esta é a luz que deve guiar nosso caminho se quisermos atingir o verdadeiro objetivo de nossa existência. As palavras todas de vida que a Sagrada Escritura nos comunica, todos os sinais de vida que obtemos através das coincidências de nossa história, nos dizem: amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu espírito e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Quem não sente dificuldades diante de um tal desafio? Quem não se sente em falta ou imperfeito? Não somente com relação às suas faltas pessoais, mas com relação às faltas comunitárias, enquanto família, enquanto povo, enquanto Igreja, enquanto humanidade? Mas é aí, precisamente aí, no amor, onde o Espírito de Deus uno e trino se deixa encontrar, que nós também nos encontramos plenamente como cristãos e como irmãos. É como se Deus nos dissesse: **Ama e Serás!**

## TODOS PECAMOS

6. O homem, quando toma consciência de sua existência (quem sou eu, do que tenho consciência quando penso na existência que sou eu), se confronta com um mistério insondável, imperscrutável, a saber o mistério da iniquidade, o mistério do pecado no âmago de si e em torno de si. Guerras que matam aprioristicamente inocentes, o veneno do ódio e do orgulho, o egoísmo que não nos deixa mudar nossa maneira de viver, de agir e de pensar. Sentimos uma impotência individual e comunitária diante do dever de amar, impotência que se faz dramática, mesmo trágica, na medida em que não conseguimos transpô-la. É aí, precisamente aí, que escutamos a voz do Apóstolo Paulo quando escreve

aos cristãos de Roma(Cf. Rm 3,19): O mundo inteiro é culpado diante de Deus. Todos, sem exceção, temos as mãos sujas, enquanto colaboramos, participamos, formal ou materialmente da empresa do mal. Esta é, sem dúvida alguma, a nossa condição antropológica, a "*humana conditio*" que nos situa diante do mistério da iniquidade.

## NÃO HÁ PECADO SEM REDENÇÃO

7. O mal não se encontra em estado puro. Esta é a verdadeira e a absoluta realidade. Se por um lado ele existe em cada um de nós de forma misteriosa e, conseqüentemente, em nossas estruturas, por outro lado, nossa humanidade inteira foi sempre aquela para a qual Jesus, o Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, se encarnou; para ela veio e com ela se fez um. Portanto, mesmo na mais cruel sociedade, os homens são sempre irmãos do Filho de Deus e, assim, filhos no Filho. Somos, sim, irmãos de Cristo; somos, sim da sua estirpe; somos, sim, chamados a viver a sua vida. Ainda que, no plano moral possamos estar muito aquém do que deveríamos, ainda que longe do bem estejamos, ninguém, absolutamente ninguém, é excluído do plano do Pai<sup>1</sup>. Ninguém está fora da salvação. A graça é a Lei, a única lei para todos nós: **Salus Dei Lex Gratiae**

## O PODER DA GRAÇA

8. Nossa humanidade é feita, assim, do encontro de nossa miséria com a graça de Deus. O pecado mais terrível do homem leva-o à consciência de que não possui ele o poder de fazer com que Deus dele se afaste. Este pecado fundamental é o preço da salvação. "**Felix Culpa!**". O não mais

---

<sup>1</sup> Cf. Ef. 1, 1-9

insolente de todos faz com que o sim mais misterioso se torne a orientação por excelência, uma lei objetiva, plena, querida não por um homem, mas pelo próprio Deus: a lei da graça. Eis porque, no mundo, a graça é sempre mais forte do que o pecado: “Deus é maior do que o nosso coração”.<sup>2</sup>

## A DIMENSÃO ECLESIAL DO PERDÃO

9. Cremos que a Redenção do Cristo destrói verdadeiramente o pecado. A Mãe Igreja nos ensina que não é fechando os olhos aos nossos pecados que Cristo nos perdoa, mas é, sim, restaurando-nos pela graça, renovando-nos à partir do que possuímos de mais profundo, do nosso íntimo mais interior que a sua Realidade nos toca. E mais: a Redenção do Cristo nos atinge de modo eminentemente visível. O Senhor concedeu à Sua Igreja o poder de perdoar os pecados<sup>3</sup>. Se a Liturgia de Pentecostes nos diz que o Espírito “é o perdão de todos os pecados” é porque a Santa Igreja é o lugar onde este perdão acontece. A Igreja perdoa em nome de Cristo.

10. O Tribunal Eclesiástico é, na Igreja Interdiocesana, o lugar privilegiado do perdão de Deus, visível; é um sinal concreto onde o perdão de Deus aos homens e mulheres se torna uma realidade viva. E a convicção do perdão nos outorga a alegria, a humildade e a paz.

11. O Tribunal Eclesiástico inserido na comunidade eclesial, envolvido pelo Espírito da Divina Misericórdia, possui uma função insubstituível: a de exercer este serviço para os irmãos. Deus quer nos salvar do mal, sempre. Se ele nos permite sofrer, é para nos salvar. Este é o “moto” que o Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Juiz de Fora deve ter sempre presente. Deus luta contra o mal e nos salva.

---

2 Cf. 1Jo 3,20

3 Cf. Jo 20,22-23

## O INÍCIO DO ANO JUDICIÁRIO DO PERDÃO

12. Mais um ano Judiciário, mais um ano na dimensão eclesial do perdão, a ser implementado de modo vivo e concreto pelo Tribunal Eclesiástico nesta Província.

13. Realizarão, os Senhores Oficiais do Tribunal, tanto mais este múnus, quanto mais e melhor expressarem em seu ofício e suas vidas este ideal, ou seja, é para salvar que Jesus se encarna, é para salvar que Jesus vive, pensa, age e fala; é para salvar que Jesus morre e ressuscita. Serão os Senhores Oficiais do Tribunal tanto mais membros da Santa Igreja e do Corpo Místico de Cristo quanto mais os pensamentos, os atos, as palavras e as ações dos senhores forem úteis a salvação dos homens que lhe forem por Deus consignados.

14. Foi para a ovelha desgarrada que Jesus veio, para o pobre abandonado, para o doente, para aquele que aos olhos do mundo está perdido. Cuidem, portanto, para imitar sem cessar o Senhor Jesus, de modo a serem imagens fiéis do Mestre. Vejam em cada pessoa alguém que é amada privilegiadamente por Ele. Entendam o que a Palavra SALVADOR resume e sejam em suas vidas, em seus ofícios, a expressão desta realidade. Só há uma LEI, a da graça: **Salus Dei, Lex Gratiae!** Façamos, no início deste Ano Judiciário Eclesiástico, no mais íntimo de nosso interior, aquela afirmação que o Apóstolo Evangelista João o fez diante sua comunidade querida: **Maior Est Deus Corde Nostro** (Cf. 1Jo 1,3.20). **Deus é maior do que nosso coração.**

A todos abençoem em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém!

*Juiz de Fora, 09 de Fevereiro de 2007.*

*+ Eurico dos Santos Veloso*

*Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora (MG).*

*Moderador do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Juiz de Fora.*